

DO TRONCO AO POSTE¹: A (DES) NATURALIZAÇÃO DA RELAÇÃO CIDADE/VIOLENÇA

Marilda Aparecida Lachovski²

Resumo: Na perspectiva da Análise de Discurso postulada por Michel Pêcheux na França, à qual nos filiamos na escrita deste trabalho, os sentidos não estão presos às palavras, antes sim, são sempre produzidos em determinadas condições de produção e não outras, portanto, sempre possíveis de serem outros. Assim, tratamos aqui, como *corpus*, da imagem de capa do jornal *Extra*, veiculada e postada na rede social Facebook, em 2015. A ênfase é dada à justaposição de duas imagens que mantêm entre si a recorrência de prisão, punição e castigo nos centros urbanos, no entanto, a primeira – de Debret – é do século XIX, e a segunda, do século corrente. Trabalhamos, neste sentido, não com as imagens isoladas, mas na relação entre elas, num efeito de totalidade, no qual a primeira retorna e ressoa na segunda, produzindo sentidos outros, encontro do mesmo e do diferente. Situamos a língua como entrada para o discurso e, portanto, elegemos como objeto o discurso *sobre* o linchamento no espaço urbano sendo que, em princípio, entendemos tais eventos como cenas de violência inscritas na história como fatos ocorridos, e, pelo discursivo, enquanto discursividade, já que funcionam neles as condições de produção, a ideologia, o inconsciente e a memória. As imagens, no funcionamento de suas textualidades, carregam em suas margens, uma pluralidade de sentidos, de história e memória que, por sua vez, compõem, sob nosso ponto de vista a sua própria constituição e atravessam os gestos de interpretação aos quais estão abertas como indício, como discurso. Imbuído na sua tentativa de compreensão e dizer tudo de e o sujeito assume uma posição, entre outras. A memória nacional brasileira, sob nosso ponto de vista, se faz e se desdobra entre a necessidade e o apagamento do passado escravocrata, por um lado como um trauma a ser superado e por outro como indício de culpa e de responsabilidade por esse mesmo passado, na urgência do retorno, revendo e refletindo sobre as heranças desse processo.

Palavras-chave: Sujeito; Língua; Discurso; Memória.

Os sentimentos mais genuinamente humanos logo se desumanizam na cidade. (QUEIRÓS, 1990)

1 O título refere-se a uma reportagem publicada pelo Jornal Extra no dia 08 de julho de 2015. A capa da reportagem faz uma comparação entre o linchamento de Cleidenilson Pereira da Silva (29 anos), que foi amarrado a um poste, e logo, morto pela população, acusado do roubo, num bar, em São Luís, Maranhão; e a pintura de Debret, da obra *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, publicado na França, de 1834 a 1839, sob a forma de 26 fascículos, organizados em três volumes que continham pranchas e folhetos explicativos.

2 Doutoranda em Letras (Sujeito, Língua e História) pela Universidade Federal de Santa Maria / UFSM. E-mail:

Introduzindo a questão...

No título proposto neste trabalho no jogo das palavras, quatro delas nos inquietam e nos instigam: tronco/ poste, violência/ cidade. Num efeito de solidariedade para com o leitor, nos adiantamos: tratamos da capa do jornal *Extra*, veiculada e postada na rede social Facebook, em 2015. A ênfase é dada à justaposição de duas imagens que mantém entre si a recorrência de prisão, punição e castigo nos centros urbanos, no entanto, a primeira – de Debret – é do século XIX, e a segunda, do século corrente. Trabalhamos, neste sentido, não com as imagens isoladas, mas na relação entre elas, num efeito de totalidade, no qual a primeira retorna e ressoa na segunda, produzindo sentidos outros, encontro do mesmo e do diferente³.



Por esse viés, situamos a língua como entrada para o discurso e, portanto, elegemos como objeto o discurso *sobre* a violência no espaço urbano sendo que, em princípio, entendemos tais eventos como cenas de violência inscritas na

³ Como nos referimos à capa do Jornal Extra, trazemos a imagem acima em sua totalidade, porém, recortamos as duas imagens que a compõe, destacando o jogo entre presente e passado que, se estrutura sob nosso ponto de vista, a partir dos significantes tronco e poste. Logo, não nos referimos ao texto verbal que compõe a materialidade, mas nos remetemos ao jogo entre as imagens que nela estão dispostas e ambos os significantes.

história como fatos ocorridos, e, pelo discursivo, enquanto discursividade, já que funcionam neles as condições de produção, a ideologia, o inconsciente e a memória e por isso nos filiamos ao aporte teórico da Análise de Discurso de base materialista, postulada por Michel Pêcheux, na França e relida, ressignificada no Brasil por Eni P. Orlandi, entre outros autores. Neste sentido, dizemos que a imagem do negro preso no tronco ressoa como memória, e ao entrar na atualidade como parte dela, ressignifica o presente, produzindo sentidos outros, reatualizando a memória, e no confronto da língua e da história, desestabilizam o dizer. A desestabilização, nos furos da memória e do dizer, produz pelo seu funcionamento, o deslize, a deriva, porém não apaga os sentidos, mas os ressignifica.

Debret, em sua viagem ao Brasil tinha como tarefa representar as cenas do cotidiano das paisagens das cidades e seus arredores. É a partir desse olhar que o autor compila suas obras, sendo que a imagem aqui mencionada faz parte da obra “Viagem Pitoresca ao Brasil”. Nela, o negro preso ao tronco, dadas as condições de produção da época, era uma cena bastante comum. O tronco, como lugar de castigo e punição é visível a todos os habitantes da cidade e tem sua função delimitada – tornar público o castigo merecido pela desobediência, pelo não cumprimento das ordens do senhor ou qualquer outra ação que concorresse para a desautorização do seu dono. Assim como é dono do corpo do negro, o senhor é dono também da lei, por ele (e por seus iguais) formulada e executada, sendo que assume, neste sentido, a função que depois será dada ao Estado. Particular e universal se fundem em sua ação. A população que assiste aos “exemplares” momentos de correção, nada faz. Assume seu lugar de observadora, sem questionar.

Na segunda imagem, já com uma distância temporal de dois séculos, há índices de repetibilidade, mas há, também deslocamentos.

Do tronco ao poste. Essa passagem, na nossa leitura, desloca não só os sentidos acerca do lugar de prisão e punição, mas também das demais condições de produção. O poste, como marco de uma cidade iluminada, portanto, industrializada e afeita aos prazeres de um espaço público, é lugar dividido. Objeto que sinaliza para o progresso, não mais sendo necessário o trabalho do acendedor de lâmpadas, mas uma conexão com a cidade em sua distribuição e organização aparentemente igualitária. Ilumina, mas apaga sentidos. Se nele e dele se obtém a luz que orienta os andantes, é objeto destinado ao coletivo, não é propriedade de ninguém, é compartilhado. A população continua lá, observando, dando visibilidade aos atos que agora não são mais de um senhor, mas de parte dela mesma. Mas não só.

Os registros são colocados em rede, na rede e pela rede como acontecimentos que integram essas cenas e a população como um suposto todo. Nessa passagem, de um real para o virtual, o deslocamento de punição e castigo do tronco ao poste, retorna, pelo funcionamento da memória, e põe em cena uma parte da construção do imaginário da cidade, pois, passado e presente se confrontam. Em ambas as imagens, pelo jogo entre passado e presente, repete-se a exclusão e a dominação do homem branco, da classe dominante. Repetição e deslocamento são forças que atuam nessa presentificação do passado.

No deslocamento tronco/poste, não só a cidade física e a reunião de pessoas em torno do ritual de punição se fazem presentes, mas outro espaço e outros expectadores tornam possível a visibilidade desses lugares de punição: a mídia. Há por esse funcionamento a exposição e a repetição ou compartilhamento dessas formas de punição em série; nós, aqui, nos remetemos especificamente à rede social Facebook. Assim, destacamos os posts dessas cenas na rede social Facebook (imagens) como “texto primeiro”, os quais, pelo

atravessamento da história na língua, produzem uma série de textos outros, de textualidades que constituem, na esteira de Medeiros (2010), um “todo-discursivo”. A série de textos outros, à qual nos referimos, é produzida a partir dos comentários na rede, pois estes funcionam na mídia, tanto como um indício de uma falta de dizer e de assumir uma posição sobre tais fatos; como um modo de estruturação e organização da própria mídia, que instiga e conduz o sujeito a assumir posições, a tomar partido. Podemos dizer, nesse sentido, que a rede social, enquanto mídia é lugar de confronto entre a saturação e o vazio de significação, pois, se por um lado ao dizer, o sujeito “atulha” esse lugar no desejo de tudo dizer, tudo ver, curtir, postar e comentar, por outro, esquece que não domina os sentidos, que não limita o dizer, é sempre uma falta, ausência do que ficou por dizer, do não pensado, do irrealizado. Falta. Vazio. Divisão de sentidos e de sujeitos.

Essas imagens, aqui funcionando como textos primeiros, enquanto textualidades são, como dissemos, constitutivas de um “todo discursivo” (MEDEIROS, 2010), e por esse movimento não nos prendemos na designação dessas imagens como recurso não-verbal na relação com o verbal, tal qual fez Medeiros (2010); antes as concebemos como lugar de movimento e produção de efeitos de sentidos. Nessa formulação, consideramos, por um lado, a língua como lugar de visibilidade dos sentidos, e o discurso, que “define um campo do que pode e deve ser dito, do que é dizível”, uma vez que surge então “como aquele lugar de visibilidade para o dizer sobre o sujeito ao mesmo tempo em que a língua formula enunciados fundadores para estatuir o lugar de enunciação desse sujeito”, (SCHERER, 2003, p. 122). Por outro lado, entendemos a mídia como lugar de visibilidade desta discursividade, lugar no qual a rapidez e a pluralidade de sentidos em circulação, atestam para a construção de uma rede de significação orientando-se para um

discurso *sobre* a violência no espaço urbano e por esse funcionamento, organiza a relação cidade e violência, construída como natural. Há, pelo nosso entendimento, no trabalho da mídia como lugar de visibilidade, uma tentativa de homogeneizar os sentidos apagando, por esse gesto, a divisão, a dispersão, o político. E por esse viés, há também a tentativa de tornar homogêneo o discurso *sobre* essa relação, como se não fosse ele, o discurso, o lugar do embate do possível e do impossível dizer, do significar. No entanto, é por essa condição que lhe é própria, que os sentidos nele e por ele produzidos, derivam, escapam e falham.

Sendo assim, observamos os modos como a relação acima exposta deriva para outros sentidos e por isso falha, permitindo a divisão de sentidos e sujeitos. Nesse ínterim, compreendemos o discurso na leitura de Pêcheux (2014), como efeito de sentidos entre interlocutores, portanto, não sendo total e acabado, mas sempre em processo, em curso, sinalizando para sentidos sempre outros de acordo com os sujeitos e as suas condições de produção.

Delimitando o objeto...

Delimitar, pelo viés teórico que adotamos, é um ato político. Escolher e definir um objeto sobre o qual lançaremos o olhar analítico constitui-se numa das ações nas quais pela interpelação ideológica nos conduz, também, a “tomar partido”. Enfatizamos essa formulação na medida em que selecionamos dentro de uma grande possibilidade de saberes e discursos sobre a cidade na sua relação com a violência, as imagens veiculadas na rede social que se referem aos eventos acontecidos e que, saindo da ordem do meramente datado, são entendidas como materialidades discursivas, que organizam um discurso *sobre* tal relação.

Tomar partido é também uma forma de ocupar um lugar de fala, já que demanda a posição assumida pelo sujeito em determinada conjuntura,

que delimita, por sua vez o que pode e dever ser dito, noção que Pêcheux definiu como *formação discursiva* (FD), como, aquilo que “determina o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada em uma conjuntura”. (PÊCHEUX, 1997, p. 166-167)

Ao assumir uma posição o sujeito assume também a sua condição de sempre sujeito, no funcionamento da ideologia, no jogo do “todo complexo com dominante”⁴ ao qual se filia ao fazê-lo. Sendo assim, é recoberto pela sua ilusão de autonomia: que é origem do que diz e que domina os sentidos. Esse movimento, segundo Pêcheux (2014), é o que atesta para sua condição de sempre já sujeito – seu assujeitamento pela ideologia. Ao dizer, portanto, e ao assumir uma determinada posição numa FD o sujeito esquece que a língua não é transparente, e que os sentidos não são sua propriedade. Por este gesto, somos conduzidos a pensar que ao tomar partido, discursivamente, numa paráfrase de Foucault (2002), é também tomar a palavra, entrar na ordem do discurso, no entanto, ao fazê-lo, assume-se um lugar organizado e distribuído pelas instituições e pelos seus modos de regulação, de dispersão e coerção, não sendo uma escolha ou puro desejo do sujeito. A tomada de posição, para Foucault (2002, p. 18-19), está ligada a uma vontade de verdade que por sua vez, funciona como um “sistema de exclusão”, de modo que atua, cada vez mais como “mais profunda e mais incontornável”, mascarando nesse mesmo funcionamento, a verdade como um discurso verdadeiro.

Pêcheux (1997), ao tratar da tomada de posição⁵, considera o sujeito como efeito inscrito

4 Entendemos ainda, a referência a um “conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem ‘individuais’ e nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras”. (grifos do autor). (PÊCHEUX, 1997, p. 166).

5 Ao nos referirmos às tomadas de posição, o fazemos amparados nas modalidades de identificação como postulou Pêcheux (1997). Na primeira forma de identificação, o bom sujeito identifica-se plenamente com a FD da qual enuncia; na segunda, há a contraidentificação, ou seja, o sujeito

no ideológico, um sujeito que esquece sua condição de interpelação ideológica, mas que ao dizer *eu sou*, assume seu assujeitamento. Assim o efeito-sujeito é “o processo pelo qual uma sequência discursiva concreta é produzida, reconhecida como sendo um sentido para o sujeito, se apaga, ele próprio aos olhos do sujeito”. (PÊCHEUX, 1997, p. 169). Efeito de incompletude, o efeito-sujeito produz, pela sua relação com o inconsciente e com o Outro, a constituição eficaz de uma presença do sujeito no discurso, pela tomada de posição. Assim:

A tomada de posição, não é de modo algum, concebível como um “ato originário” do sujeito-falante: ela deve, ao contrário, ser compreendida como o efeito, na forma-sujeito, da determinação do interdiscurso como discurso transversal, isto é, o efeito de “exterioridade” do real ideológico-discursivo, na medida em que ela “se volta sobre si mesma” para se atravessar. [...]. (PÊCHEUX, 2014, p. 159-160). (Grifos do autor)

Ao explicar o funcionamento do efeito-sujeito e da tomada de posição, Pêcheux (2014, p. 159), relendo Althusser, retoma algumas formulações que permeiam esse jogo de evidências, das quais destacamos “como todo mundo sabe”, que para ele se refere ao “retorno do Universal no sujeito”; e “como todo mundo pode ver”, ligada a “universalidade implícita de toda ‘situação humana’”. Entendemos por esse viés, a relação necessária e constitutiva entre o universal e o singular, que por sua vez, é para Pêcheux (2014) um “engodo”, na medida em que sinaliza para “o mito idealista da interioridade”, produzindo por esse efeito, uma definição de “universal como singular insubstituível”, poderíamos dizer que é aquilo que

distancia-se da FD na qual produz o seu discurso, instaura o questionamento mas não rompe com os saberes dessa FD, ou como afirma Venturini (2009, p. 117), [...] Nessa modalidade de identificação, aborda o desdobramento do sujeito e referencia o sujeito constituído não mais em sua unidade, mas em sua divisão. Na terceira, o mau sujeito desidentifica-se e rompe com os saberes de uma determinada FD, filiando-se a outra, produzindo assim, novas possibilidades de filiação, de sentidos e de deslocamentos.

toca, que significa e se significa para e no discurso, na relação entre o sujeito, a história e os sentidos.

É nessa relação, que retomamos também Petri (2017) e suas considerações acerca do enunciado “sabe-se que”, na relação com o “sabido” e com as “coisas a saber”. Para a autora, essas construções são dissimétricas, postas entre a descrição e a interpretação, tal como postulou Pêcheux (1997); e por esse movimento, estabelecem uma relação tensa, pois, apesar de serem diferentes, “não são opostas”. Nesse sentido, o “sabido”, segundo Petri (2017) funciona como uma simulação, presentificando um passado partilhado. Essa simulação apontada pela autora nos conduz a pensar sobre o “universal” de Pêcheux – que sinaliza para o já posto, pelo naturalizado, logo para a ilusória estabilização de sentidos e com isso produzindo o efeito de garantia de domínio sobre o passado, e do que não está inscrito nele, como prática social, como história. Esse processo se dá pelo também efeito de “satisfação” – como já posto e, portanto, “sabido”, não inquire, não faz pensar e questionar – está lá. Pronto, acabado e incontornável. O enunciado das coisas “a saber”, segundo Petri (2017) está além do sabido, exigindo do sujeito que saiba mais.

Entre o “sabido” e o “a saber”, logo, o universal e o particular, sob nosso ponto de vista, há um espaço intervalar, uma lacuna aberta e movediça, afinal nem tudo está lá, nem tudo se precisa saber. Esse espaço de limites tão tênues, para nós, é aquele onde se inscrevem as resistências, onde se desdobra a “ousadia de revoltar-se”, relembando Pêcheux. Tornar tudo já sabido, constitui-se como um desejo de totalidade, de preenchimento, e por esse movimento, apaga pela sua própria necessidade, a história, os sentidos e os sujeitos. Como prontos e estabilizados, determinados sentidos e sujeitos são apagados no processo de significação, de produção de discurso. Por essa totalidade também, segundo Nora, há um apelo a memória restrita à memória

generalizada, como na formação de uma memória nacional.

Para nós, essa possibilidade de inscrição numa memória nacional, portanto, generalizada, no deslocamento dos significantes tronco e poste, faz ressoar um passado que se deseja esquecer, mas por ser assim mesmo não pode ser esquecido: a escravidão como parte dessa memória que retorna e que exige, que cobra e grita, como uma espécie de reivindicação patrimonial. Segundo Souza (2017, p. 9), a escravidão na história do Brasil “cria uma singularidade excludente e perversa. Uma sociabilidade que tendeu a se perpetuar no tempo, precisamente porque nunca foi efetivamente compreendida nem criticada”. É no batimento do lembrar e esquecer que tomamos esses significantes na perspectiva discursiva, como sentidos que retornam e sinalizam para o funcionamento de uma memória nacional lacunar, diferentemente da memória que se fez completa e saturada na e pela história tradicional.

Logo, tudo é pelo discursivo, efeito, evidência. Se faz necessário retomarmos essas definições já que nos referimos aqui aos modos como os sujeitos, na página da rede social, entram na textualização das cenas de violência nas cidades, mesmo que essas não sejam locais ou estejam na ordem do vivido, por isso é aqui referendada a noção de discurso *sobre* e não discurso *de*. O discurso *sobre*, nesse sentido sinaliza para a entrada do sujeito na ordem do social, daquilo que o integra ao mundo e à história. Em ambas as épocas nas quais estão inscritas as imagens, não são as “vítimas” que preenchem os espaços para produção de sentidos acerca da violência, de modo geral, mas aqueles que assistem, que tomam posição e comentam *sobre* esses eventos na rede, assim como antes ainda no século XIX, não lhe é dado voz, direito de reposta. Silenciar, apagar. Punir, castigar. Ações e olhares do outro. Funções que eram do senhor, do dono

6

de escravos – proprietário, hoje, seriam do Estado, responsável pela segurança, pela manutenção da ordem. Mas, a instituição falha, e por isso, os civis assumem essa função. Calar, no século XIX era assumir posição diante dos fatos, aceitar as condições de dominação de uma elite que tinha sobre si e por si, a formulação e execução das leis. Calar, hoje, é aceitar as mesmas condições, mas pela via de execução do Estado. Calar é também, não ousar. Abster-se. E esse gesto (efeito de ausência) não é aceito nas condições de produção, é preciso dizer. Na rede, é preciso comentar, postar, dar likes, curtir, compartilhar. Estar online.

Nesse sentido, tomar partido sugere colocar-se de um lado ou do outro, como as duas posições possíveis na organização da FD, no entanto, isso é também uma evidência sendo que o sujeito pode não assumir as posições no jogo contra/a favor, e assim, na tentativa de não ocupar uma determinada posição, produz um efeito de imparcialidade, desestabilizando os limites da FD, mesmo sendo essa mesma “ausência” já uma forma de assumir determinada posição, considerando o efeito sujeito mencionado anteriormente⁷.

É importante destacarmos uma característica fundamental nos comentários na rede: há a *necessidade* de dar visibilidade aos fatos ocorridos, portanto, ao fazer seu *post* da imagem na rede, o sujeito já marca uma posição, porém, só postar a imagem não dá visibilidade maior. Há, nos parece, uma estratégia que organiza o espaço da rede: quanto maior o número de visualização, de *likes* e de comentários, mais sucesso e repercussão teve o *post*. Ter um *post* visitado, comentado e compartilhado dá ao sujeito uma garantia de pertencer, de ser seguido, de ser pela rede, (re) conhecido. Esse excesso do dizer,

⁷ Num efeito de cordialidade para com nosso leitor, explicamos: mesmo fazendo referência aos posts e as tomadas de posição no Facebook sobre a publicação/capa do Jornal Extra, não nos atemos nas análises desses comentários, apenas os mencionamos por serem parte de nosso texto de tese, ainda em construção. Neste artigo tomamos a capa do referido jornal, e o jogo entre as imagens nas quais ressoa a relação tronco e poste.

segundo Dias (2013, p. 52), constitui os “meios de comunicação” como um “lugar das relações de poder, uma vez que controlar o sentido é uma instância de poder”⁸. Como aqui nos delimitamos a mídia digital, entendemos a partir também de Medeiros (2010), que o digital/ virtual pode ser pensado como parte daquilo que a autora nomeia como “grande mídia” ou “meios de comunicação em massa”.

Os comentários, nesse sentido, são partes que organizam e estruturam um discurso *sobre* determinado assunto, aqui, a violência no espaço urbano. Na formulação dessa relação, há eminentemente, uma tentativa de delimitar dois espaços – um a favor e um contra os atos de violência. Cabe-nos também enfatizar que as imagens, como parte do discursivo, funcionam como dispositivos que, pelo trabalho da ideologia, inquiram a tomada de posição: quanto mais ela “chocar” o sujeito, mais inquire dele, mais lhe exige falar, preencher os espaços de produção de sentidos.

Podemos dizer, portanto, que a violência como prática materialista tem relação com a ideologia, com as condições de produção, assim, os eventos de seu aparecimento não são meros fatos datados no cotidiano, mas saem da ordem da história, enquanto fato, e são construídos como espaços de produção de discursos – lugar onde há funcionamento de sentidos.

É a partir desses engendramentos que mobilizamos essa série, que entendemos estar na ordem da repetição – tronco e poste – ambos são lugares de prisão, de punição, de castigo; mas também no deslocamento dos sentidos que derivam do tronco ao poste, não pela dimensão

⁸ No texto ao qual nos referimos a autora aborda a linguagem e a tecnologia na relação dos sentidos a partir do que ela define como “ideologia da comunicação”, ou seja, a “necessidade de tudo dizer, informar”. Para ela, a formulação “meios de comunicação”, deve ser entendida como uma construção, numa relação entre o pensamento, a linguagem e o mundo, no modo como a tecnologia se inscreve na história, discursivamente.

temporal – século XIX e XXI, mas pelos saberes que são como práticas, apagados nessa passagem. Na dimensão do digital, esses fatos organizam outras discursividades – outros sentidos – entram em cena outros sujeitos que produzem saberes outros sobre esses fatos. Também na ordem do já sabido, o Facebook é espaço de discussão, de confronto de opiniões. Escrita autônoma – diz-se o que quer sobre tudo, ilusão. Lugar no qual os sujeitos interpelados pela ideologia assim como aqueles que estão envolvidos nesses fatos, abrem espaço para o dizer, para a tomada de posição, logo, pela perspectiva materialista não são apenas comentários, mas lugar de produção de sentidos, de visibilidade do discurso.

Entendemos que as cenas de violência constituem-se como um ritual que organiza e sustenta saberes; são construções, logo, de ordem histórica, política e simbólica, sobre e nas quais a língua é materialidade do discurso. Como discurso, essas cenas, aqui consideradas rituais, sinalizam para a não transparência e não completude da língua, sempre móvel e deslizante. Portanto, o espaço da rede social integra a ilusão de ser lugar do “tudo dizer”, e “sobre tudo dizer”; mas é nessa mesma organização que desestabiliza a constituição do sujeito e dos sentidos – não homogêneos, mas sempre divididos, contraditórios. Sempre faltosos.

A memória em cena – tronco e poste como lugares de memória

A memória, como aquela que se produz pela “presentificação” do passado, é sob nosso ponto de vista, uma reconstrução; logo, sinaliza para a falha, para o deslize, para os deslocamentos. Por esse viés, a memória adquire “o estatuto de documento” (CATROGA, 2001, p. 46), apontando também para as noções de memória social como laço de pertencimento. Pertencer, nesse sentido, está ligado à reconstrução efetiva de “passados”, ou

seja, na construção e manutenção das memórias de um grupo que apreende e estabiliza (ilusoriamente) o passado como real vivido e pertencente às suas memórias, como se ele estivesse sempre lá, pronto e acabado. Mas nesse ponto, adverte ainda Catroga (2001, p. 20): a memória não é “um armazém que, por acumulação, recolha todos os acontecimentos vividos por cada indivíduo”, mas sim, “um campo de experiências”; logo, funciona como herança e como transmissão, como “um aceno em que se promete ser possível vencer a morte”. Discursivamente, as falhas e vazios da memória são preenchidos pela memória discursiva: aquela que restabelece os implícitos, “a condição do legível em relação ao próprio legível”, preenchendo os furos na linearidade do discurso, pois, segundo Pêcheux (1999, p. 52), esses “implícitos estão ausentes por sua presença”. Movimento de paráfrase⁹ que funciona no entrecruzamento da memória e do movimento dos sentidos no discurso produzido, no deslocamento do que é dado como provável historicamente.

Considerações Finais...

A partir das considerações acerca da relação aparentemente constitutiva cidade/violência, destacamos aqui a produção do discurso sobre como modo de organização dos saberes referentes aos modos circulação dos sentidos, pois, se por um lado a rede social estrutura um lugar no qual todos, sobre tudo e tudo podem dizer, a contradição se instaura pela entrada no discurso pela materialidade na/da língua. Assim, se como efeito de um saber/poder tudo dizer as cenas de violência são produzidas como naturais, como postas e inerentes à constituição do espaço urbano, destacamos pela Análise de Discurso, a entrada na falha da língua como não completude, não homogênea. Como

⁹ Para Achard (1999, p. 16), a paráfrase designa as derivações de possíveis em relação ao dado, que a regularização estrutura a ocorrência e seus segmentos, situando-os dentro de séries.

discursividade, as cenas de violência nesses espaços alcançam maior circulação e por esse movimento, junto aos modos de organização da própria mídia como lugar de observação de sentidos e sujeitos em constante movimento, sempre constituídos na divisão, na retomada, na deriva. No retorno do mesmo no diferente.

Por esse viés, as imagens – cenas de violência nos espaços urbanos, aqui tomadas como cenas discursivas, produzem sentidos na rede como um não todo da textualidade, considerando que pela perspectiva que adotamos, o texto não é objeto empírico, como início, meio e fim, mas objeto simbólico, como postula Orlandi (2006). As imagens, no funcionamento de suas textualidades, carregam em suas margens, uma pluralidade de sentidos, de história e memória que, por sua vez, compõem, sob nosso ponto de vista a sua própria constituição e atravessam os gestos de interpretação aos quais estão abertas como indício, como discurso. Imbuído na sua tentativa de compreensão e dizer tudo de e sobre as mesmas, o sujeito assume uma posição, entre outras. E atulha, enche, satura os espaços, na sua ilusão de autonomia. E diz. Dizendo, produzindo sentidos, significa a si, ao outro e ao mundo; porém, falha. Falta, e por essa falta, segue na busca incessante por tudo poder dizer, ao preço de por esse gesto, apagar sentidos, apagar a história e o desejo de resistir.

Referências Bibliográficas

DIAS, Cristiane. Linguagem e tecnologia: uma relação de sentidos. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. **Análise de Discurso em Perspectiva. Teoria, método e análise.** (orgs). Santa Maria, editora da UFSM, 2013.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Loyola, São Paulo, 2002.

MEDEIROS, Caciane Souza de. **Sociedade da imagem: a (re) produção de sentidos da mídia do espetáculo.** Santa Maria, 2010.

NORA, Pierre. **Entre mémoire et histoire.** La problématique des lieux. In: _____: Les lieux de mémoire. Tradução de Yara Aun Khoury. Paris: Gallimard, 1984.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos.** Pontes, São Paulo, 2006

PÊCHEUX, Michel. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Org. Françoise Gadet; trad. Bethania Mariani et al. 3ª Ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução de Eni P. Orlandi et al. 6ª Ed. São Paulo, Campinas, Editora da Unicamp, 2014.

PETRI, Verli. Do funcionamento do “sabe-se que” às possibilidades de interpretação no discurso sobre museu. In: Venturini, Maria Cleci (org). **Museus, arquivos e produção do conhecimento em (dis) curso.** São Paulo: Pontes, 2017.

SCHERER, Amanda Eloina. **A constituição de sentido nas fronteiras do eu: memória da língua e a língua na memória.** In: Revista Letras, Santa Maria, PPG Letras/ UFSM, número 26, p. 119-130, dezembro, 2003.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso.** Da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário Urbano. Espaço de rememoração/comemoração.** RS, Passo Fundo: Editora UFP, 2009.

Submissão: março de 2020.

Aceite: abril de 2020